

Sobre a aquisição e o aspecto criativo da linguagem: as respostas de Noam Chomsky aos problemas de Platão e Descartes

letrônica

Caroline T. Foppa¹**1 O conceito de língua e a Gramática Gerativa**

Tendo a língua diversos conceitos no interior dos estudos linguísticos, é fundamental iniciar este percurso apresentando a definição de língua para Noam Chomsky. Conforme o autor, esta se refere a um sistema de conhecimentos mental (RAPOSO, 1992), à língua internalizada que corresponde ao modo de falar e de compreender dos indivíduos (CHOMSKY, 1997). Assim, a língua, para Chomsky, pode ser considerada sinônimo de gramática.

Tal definição conduz ao programa de investigação da Gramática Gerativa desenvolvido por Chomsky. A teoria teve origem nos anos 50, quando da revolução cognitiva, época em que uma mudança de perspectiva movimentou os estudos do comportamento e do produto (como o texto) para os mecanismos internos responsáveis por tais no pensamento e na ação (CHOMSKY, 1997).

A Gramática Gerativa consiste, portanto, em um grupo de sistemas e regras presentes, em última estância, na mente; princípios gerais que constituem parte da natureza humana, “e não propriedades absolutas das expressões linguísticas consideradas em si mesmas, ou consideradas como um aspecto particular do comportamento humano independente das propriedades mentais (...)” (RAPOSO, 1992, p. 25).

Desse modo, de acordo com Chomsky (1988), uma pessoa que faz uso de uma língua, desenvolveu certo sistema de conhecimento representado, de alguma forma, na mente e no cérebro, com alguma configuração física. Para ele, a faculdade da linguagem pode ser considerada um órgão do corpo humano, que evolui como qualquer outro. Os conhecimentos linguísticos do falante adulto representariam o resultado dessa evolução (CHOMSKY, 1997; RAPOSO, 1992).

A gramática é chamada gerativa porque consiste em um sistema capaz de gerar um número indefinidamente grande de estruturas. Chomsky (1978, p.79) lembra Humboldt, que já no século anterior observou que uma língua “faz um uso infinito de meios finitos”. O autor concorda com Humboldt sobre a importância de estudar-se a gramática das línguas, que deve

¹ Mestranda do Programa de Pós Graduação em Letras – Estudos Linguísticos da UPF; professora do Programa de Línguas Estrangeiras da UCS.

descrever os processos que tornam isso possível. Assim, quando se fala em uma gramática que gera uma frase com determinada descrição estrutural, se quer dizer que esta gramática atribui tal descrição estrutural àquela frase.

A Gramática Gerativa possui três principais elementos: o sintático, o fonológico e o semântico. Como explica Chomsky (1978, p. 98), o elemento sintático de uma gramática “deve especificar, para cada frase, uma estrutura profunda que determina a sua interpretação semântica e uma estrutura de superfície que determina a sua interpretação fonética.”

O autor elaborou, assim, a partir destas hipóteses, quatro questões que se tornariam o programa de investigação da Gramática Gerativa:

1. Qual é o conteúdo do sistema de conhecimento? O que está na mente/cérebro do falante de uma determinada língua (inglês, japonês, etc.)?
2. Como esse sistema de conhecimento se desenvolve na mente/cérebro do falante?
3. Como esse conhecimento é utilizado na fala (ou na escrita)?
4. Quais são os mecanismos físicos no cérebro do falante que servem de base para o sistema de conhecimento linguístico e para seu uso?

As questões (2) e (3) serão aprofundadas neste trabalho, sendo as que correspondem, respectivamente, ao *Problema de Platão* e ao *Problema de Descartes*.

A questão (1) diz respeito à gramática de uma língua particular, aquela que o falante possui interiorizada, como dito anteriormente. De acordo com Chomsky, esta é um sistema autônomo e independente de outros sistemas da mente humana, como princípios de conversação, de formação de conceitos, etc., mesmo se eles mantêm uma interação bastante complexa. Assim, um fenômeno linguístico “é um produto complexo da ação da gramática e de outros mecanismos conceituais” (RAPOSO, 1992, p. 30).

Ainda conforme Chomsky (1997), cada língua é o resultado da interação de dois fatores: o estado inicial e a experiência. O estado inicial recebe como dados de entrada (*input*) a experiência e como saída, ou *output*, a língua. A entrada e a saída, o transcorrer da experiência, as propriedades da língua estão à disposição para serem estudados, mas ainda há muitas questões sobre o estado inicial da linguagem, de que modo os genes o determinam, quais são os mecanismos cerebrais envolvidos, etc.

A discussão acima também está relacionada à pergunta (4), que corresponde aos mecanismos do cérebro responsáveis pela linguagem. Sendo a linguagem considerada por

Chomsky um órgão do corpo humano, seu caráter mais importante é ser uma expressão dos gens. De que maneira isso ocorre ainda é um projeto de investigação a longo prazo, de acordo com o autor, e problemas como os mencionados no parágrafo anterior são alguns dos muitos ainda a serem desvendados (CHOMSKY, 1997).

Na discussão sobre o papel da mente no processo de aquisição da linguagem também estão aqueles que crêem que fatores externos, como a experiência e o meio ambiente sejam determinantes na aquisição da linguagem e do conhecimento de modo geral. A aprendizagem, portanto, seria essencial ao permitir à criança, através de práticas adequadas, a aquisição pela mente. Nesta visão, o papel da mente se mostra bastante pequeno, já que o ensino e a prática seriam os pilares da implantação e solidificação dos conhecimentos adquiridos. Tal concepção e suas diferentes versões foram defendidas pelo behaviorismo Norte-Americano no século XX, sendo seu principal expoente Skinner, no que diz respeito à aquisição da linguagem.

Chomsky, que se encaixa em uma concepção racionalista, não nega a importância da aprendizagem e do meio ambiente na aquisição da linguagem. Pelo contrário, explica que a fala das pessoas que convivem com a criança e suas interações verbais é que desencadeiam os mecanismos de aquisição, mesmo se não determinam as propriedades finais alcançadas pelo sistema gramatical (RAPOSO, 1992).

2 A aquisição da linguagem e o *Problema de Platão*

Quando Sócrates conduziu o jovem escravo à descoberta dos princípios da geometria apenas através de perguntas, outra questão surgiu e permanece na atualidade: como foi que esse jovem, sem qualquer instrução ou informação foi capaz de descobrir as verdades da geometria?

Chomsky (1988) observa que Platão tentou responder a esse questionamento, quando afirmou que o conhecimento foi relembrado ou retomado de sua existência anterior e foi reaceso na mente do menino pelo estímulo de Sócrates, através de suas perguntas. Chomsky concorda com a resposta de Platão ao problema, exceto no que se refere à pré-existência.

Uma visão moderna desta resposta seria, na visão de Chomsky, a de que certos aspectos do nosso conhecimento e compreensão são inatos, geneticamente determinados, assim como os elementos da nossa natureza de seres humanos que fazem crescer em nós pernas e braços ao invés de asas. Nos estudos da linguagem o *Problema de Platão* surge de forma bastante evidente e o próprio Chomsky afirma considerar sua resposta para tal bastante adequada.

Do ponto de vista platônico, assim, a aprendizagem da linguagem para o indivíduo seria uma questão de extrair daquilo que é inato na mente. Chomsky se remete novamente a Humboldt quando afirma que não se pode de fato ensinar uma língua, mas simplesmente apresentar as condições nas quais ela se desenvolverá na mente, de forma espontânea, com sua própria especificidade (CHOMSKY, 1978).

O estado inicial da faculdade da linguagem é o que Chomsky chama de Gramática Universal. Seus princípios “oferecem um esquema altamente restritivo a que cada língua humana tem de se conformar, assim como condições específicas que determinam como a gramática de qualquer língua pode ser usada” (CHOMSKY, 1971, p. 83). A aquisição da linguagem ocorreria, conforme o autor, de forma bastante independente da inteligência e das experiências individuais, já que acontece com base em dados bastante restritos e degenerados. A Gramática Universal é, portanto, “a soma dos princípios linguísticos geneticamente determinados, específicos à espécie humana e uniformes através da espécie” (RAPOSO, 1992, p. 46).

Para o autor, portanto, a estrutura das línguas particulares é determinada por aspectos que não são possíveis de serem controlados pelos indivíduos, e que parece ser por isso que a criança precisa formar sua gramática particular, para dar conta dos dados com os quais tem contato. Desse modo, “pode muito bem ser que os traços gerais da estrutura linguística reflitam não tanto o decurso da experiência do sujeito, como a natureza geral da sua capacidade de adquirir conhecimentos” (CHOMSKY, 1978, p. 143).

Muitos exemplos apresentados por Chomsky (1988) em diversos idiomas buscam justamente responder ao *Problema de Platão*, procurando determinar como a criança passa a dominar as regras e princípios que constituem seu sistema maduro de conhecimento da língua. Neste processo, três fatores devem ser considerados: os princípios da faculdade da linguagem geneticamente determinados, os mecanismos gerais de aprendizagem geneticamente determinados e a experiência linguística da criança imersa em uma comunidade de falantes. A interação dos fatores determinados pelo meio ambiente da criança e por aquilo que é biologicamente determinado, por meio da faculdade da linguagem, é que fornece o sistema de conhecimento que é utilizado pela criança na fala e compreensão. Na medida em que o conhecimento é baseado em fatores ambientais, o cérebro (ou a mente) parece fornecer uma maneira de identificar e extrair informações relevantes por meio de certos mecanismos biologicamente determinados. Tais mecanismos, de acordo com Chomsky, podem ser

específicos da faculdade da linguagem como podem ser mais gerais, relacionados aos mecanismos de aprendizagem.

Considerando-se os exemplos (1) e (2) da forma *se* (RAPOSO, 1992, p. 41), se busca demonstrar como o reconhecimento e compreensão de suas propriedades sintáticas não podem ter origem na experiência linguística da criança, durante sua fase de aquisição.

(1) Nesta penitenciária, os presos agridem-*se* frequentemente.

(2) Nesta penitenciária, agridem-*se* os presos frequentemente.

No Português, o morfema *se* possui duas funções: a de pronome reflexivo ou recíproco (1) e a de pronome impessoal (2), aproximando-se do pronome indefinido *alguém*. Um falante da língua portuguesa interpretaria os exemplos acima de forma coerente, mesmo se, talvez, não fosse capaz de explicar as funções do morfema. Isso significa dizer que nenhum falante do Português entenderia o exemplo (1) como significando

(3) Nesta penitenciária, os presos agridem pessoas indeterminadas (alguém) frequentemente (os guardas, por exemplo).

A razão para a impossibilidade dessa interpretação não se encontra na área da semântica, da lógica ou da pragmática, mas representa um exemplo das propriedades da gramática interiorizada do falante da língua em questão, e de seus princípios independentes. Muitas crianças certamente não são expostas a frases com *se* impessoal durante o período de aquisição da linguagem, além de normalmente não receberem nenhuma instrução sobre sua interpretação, que também não está nos livros escolares de educação primária. “Como esse conhecimento faz [...] parte do sistema linguístico dos adultos, temos de concluir que é derivado a partir de princípios linguísticos inatos pertencentes ao mecanismo mental de aquisição da linguagem, [...] independentes dos dados primários da aquisição” (RAPOSO, 1992, p. 43). Com exemplos como este Chomsky observa mais de uma vez que não é possível que este conhecimento seja resultado da habilidade ou de analogias.

No que diz respeito à aquisição de vocabulário, a observação também confirma que, de alguma forma, a criança possui disponíveis conceitos antes mesmo de sua experiência com a língua e que, quando esta inicia, a criança passa basicamente a aprender e identificar os rótulos para conceitos que já são parte de seu sistema de dados. Os exemplos a seguir (CHOMSKY, 1988, p. 28) trazem a palavra *livro* para demonstrar que, mesmo sem qualquer

instrução ou experiência relevante, o falante de espanhol sabe que *livro* pode receber uma interpretação tanto concreta como abstrata.

(4) El libro pesa dos kilos. (O livro pesa dois quilos.)

(5) Juan escribió um libro. (João escreveu um livro.)

No exemplo (4) a palavra *livro* é interpretada concretamente, como um objeto físico, enquanto no exemplo (5) *livro* se refere a uma entidade abstrata, com uma enorme possibilidade de formas concretas. O fato de Juan saber que *el libro* se refere a um livro e não a uma mesa, não tem a ver com sua habilidade, mas representa uma das propriedades do sistema de conhecimento que ele possui. “Falar e entender espanhol significa possuir tal conhecimento” (CHOMSKY, 1988, p. 12).

O mesmo ocorre com relação à estrutura dos sons. Tal conhecimento é bastante específico e transcende a experiência de uma pessoa, no que diz respeito, por exemplo, a formas existentes e não existentes em certo idioma. A aquisição de regras sobre a estrutura dos sons, conforme Chomsky, depende de princípios fixos que governam os sistemas de sons possíveis para as línguas humanas. Tais princípios são comuns às línguas e aplicados inconscientemente por um indivíduo na fase de aquisição (CHOMSKY, 1988, p. 26).

É com observações e achados como os apresentados anteriormente que Chomsky responde à questão de Platão sobre como é possível que uma pessoa seja capaz de interiorizar um sistema gramatical tão complexo de qualquer idioma, mesmo tendo contato, durante a fase de aquisição de conhecimento – e especialmente da linguagem – a estímulos de certa forma bastante limitados. O pesquisador atribui essa capacidade a princípios fixos da faculdade da linguagem presentes no organismo humano, como parte de seu legado biológico.

3 Competência, performance e o *Problema de Descartes*

Descartes e seus seguidores observaram que o uso da linguagem é sempre inovador, coerente, apropriado às situações e por isso aparentemente livre do controle de estímulos externos ou situações internas. Os cartesianos perceberam também que em uma conversação, por exemplo, o ouvinte tende a expressar-se de forma parecida em situações semelhantes. Desse modo, ao enunciar, o indivíduo não repete o que ouviu, mas produz novas formas linguísticas, e não há limites para tal inovação. O aspecto criativo da linguagem, portanto, forneceria a melhor evidência de que organismos que se assemelham uns aos outros possuem, da mesma forma, mentes que funcionam de forma semelhante (CHOMSKY, 1988).

Este aspecto da natureza humana também foi usado como exemplo pelos cartesianos para demonstrar que os seres humanos são diferentes de todos os outros organismos no mundo físico. Os humanos, diferentemente dos animais e das plantas, por exemplo, não apresentam um comportamento determinado, mas são apenas inclinados a tal. Suas ações podem ser previsíveis, no sentido de que, em certa situação, um indivíduo tende a comportar-se de tal forma, mas apenas previsíveis.

É o aspecto da previsibilidade que relaciona diretamente o *problema de Descartes* à distinção feita por Chomsky (1978, p. 84-90) entre *competência* e *performance*. A *competência* refere-se ao conhecimento que o indivíduo tem da língua, enquanto a *performance* representa o uso da língua em situações concretas. O autor relaciona a distinção que faz com aquela feita por Saussure entre *langue* e *parole*. No entanto, rejeita o conceito de *langue* como sendo apenas “um inventário sistemático de itens” (CHOMSKY, 1978, p. 84) e se remete à concepção de Humboldt, de que a língua se baseia em um sistema de regras que faz um uso infinito de meios finitos, permitindo seu aspecto criativo. De acordo com Chomsky (1978, p. 86), a gramática particular de uma língua precisa da chamada gramática universal, que fornece os meios possíveis para dar conta do aspecto criativo da linguagem “e que formule as regularidades profundas que, por serem universais, são omitidas da gramática propriamente dita”.

Raposo (1992, p. 31) retoma exemplos de “erros” de competência como aqueles provocados pela atenção e pela memória, quando o falante concorda o verbo e o sujeito de forma incorreta por interpor muito material entre os dois; as hesitações, o gaguejar, etc., também são fatores que produzem “erros” de competência, já que interferem nas construções gramaticais. Na área da performance estão casos como os atos de fala indiretos, e as questões de ambiguidade ou atribuição de novos significados em relação aos contextos do discurso. A performance, portanto, só pode ser observada e investigada na medida em que a competência por trás de certa língua for reconhecida. Ela se refere aos “mecanismos psicológicos de percepção e processamento da linguagem que facilitam o funcionamento da gramática interiorizada” (RAPOSO, 1992, p. 32).

Chomsky (1988) não acredita que o conhecimento de modo geral, assim como a aquisição da linguagem sejam uma questão de habilidade que, ao longo do tempo, é reduzida a um sistema de hábitos e disposições. O autor considera como exemplo dois falantes de espanhol que compartilham o mesmo conhecimento da língua. Sua pronúncia, entendimento sobre o significado das palavras e estrutura das frases, etc., são idênticos. Mesmo assim, essas

duas pessoas podem – e é o que geralmente se observa – se diferenciar muito no que concerne a suas habilidades no uso da língua. Um pode ser um poeta e outro uma pessoa que simplesmente usa muitos clichês. Exemplos como esse fazem com que seja difícil para Chomsky crer que o conhecimento tenha a ver apenas com habilidade e menos ainda com disposição e comportamento.

O autor (1988, p. 10) observa ainda que a habilidade pode ser aperfeiçoada sem nenhuma mudança no que diz respeito ao conhecimento, assim como a habilidade pode ser diminuída ou até desaparecer sem nenhuma perda de conhecimento. O primeiro caso poderia ser ilustrado com o exemplo de uma pessoa que faz um curso para aperfeiçoar sua habilidade de falar em público; sua capacidade de utilizar a linguagem sofreu uma melhora, mas seu conhecimento das palavras, construções e regras é o mesmo que possuía antes do curso. Um indivíduo que sofra de afasia, no entanto, após uma severa lesão na cabeça, perde sua capacidade de fala e compreensão. Isso não significa, necessariamente, que esta pessoa tenha perdido seu conhecimento da língua, já que, se recuperado da lesão, sua capacidade de comunicar-se e compreender sua língua voltará ao normal, sem necessidade de instrução ou experiência.

Para Chomsky (1988) a criança faz uso da linguagem de forma intuitiva e parece estar claro que certas expressões ou modos de enunciar, assim como sua compreensão, por exemplo, nos mais diversos idiomas, são absolutamente independentes de qualquer experiência.

Outra questão que não pode ser ignorada em relação ao *Problema de Descartes* diz respeito, segundo estudos como os de Lopes da Silva (2000), a uma modificação na interpretação deste aspecto da linguagem por Chomsky quando, historicamente, a física newtoniana substituiu a mecânica cartesiana. O autor explica que a formulação da questão sobre o aspecto criativo da linguagem é devido a Descartes; a resposta dos cartesianos para tal, no entanto, ainda seria insatisfatória. Desse modo, o gerativismo poderia ser considerado newtoniano ao apoiar-se na herança deixada por Newton que seria, como acredita Lopes da Silva (2000, p. 92), a expansão dos limites da noção de corpo. Assim, ao mesmo tempo em que a discussão cartesiana sobre o aspecto criativo da linguagem seguiu pertinente aos estudos do gerativismo, as explicações físicas com a contribuição de Newton parecem ter reforçado o que Chomsky já acreditava ser possível no início de suas pesquisas, quando parecia apenas “mover especulações fúteis” (Lopes da Silva, 2000, p.95).

Considerações finais

Os mecanismos que permitem e fornecem ao ser humano a capacidade gerativa da linguagem e o funcionamento do cérebro/mente nas diversas fases que possibilitam que um indivíduo internalize princípios que regem a gramática de sua língua ainda são aspectos abertos à investigação. Chomsky, como já dito anteriormente, acredita que a faculdade da linguagem deva ser estudada como qualquer outro órgão do corpo humano, como as especulações sobre os sistemas visual ou motor.

Hoje, como o próprio pesquisador já afirmou (1997) muito já se sabe e muito já foi descoberto em relação ao início das pesquisas cognitivas. Entretanto, conforme a investigação avança, maiores são os desafios e mais complexas tornam-se algumas questões, especialmente no que diz respeito às estruturas e procedimentos cerebrais que participam fisicamente desses processos.

“A faculdade da linguagem tem papel crucial em todos os aspectos da vida, do pensamento e da interação humana”, afirmou Chomsky (1997, p. 51). É por isso que seu estudo continua a ser fascinante e envolver tantos questionamentos. A visão de que as pessoas são parte integrante do mundo orgânico, como observou Descartes, está, para Chomsky, ainda no cerne da discussão sobre a linguagem e as capacidades manifestas pelo uso da língua devem continuar sendo observadas.

Referências

CHOMSKY, Noam. *Aspectos da Teoria da Sintaxe*. Coimbra: Arménio Amado, 1978.

_____. *Language and Problems of Knowledge – The Managua Lectures*. Cambridge: MIT Press, 1988.

_____. *Linguagem e Pensamento*. Petrópolis: Vozes, 1971.

_____. Novos Horizontes do Estudo da Linguagem. *DELTA* [online], v. 13, p. 51-74, 1997.

RAPOSO, Eduardo. *Teoria da Gramática: a faculdade da linguagem*. Lisboa: Caminho, 1992.

LOPES DA SILVA, Fábio Luiz. De Descartes a Newton: para uma história do pensamento chomskiano, *Fórum Linguístico*, nº 2 (73-96), out.-dez. 2000.

Recebido em 09/02/2011
Aceito em 13/10/2011